

após consentimento informado a intensidade muscular foi medida através de eletromiografia de superfície com o auxílio do Teethan® (Teethan S.p.A, Italy) nos músculos temporais e massetéricos com a realização de três medições para cada voluntário em três posições distintas (sentado, de pé e deitado). A concordância foi determinada pela média do coeficiente de correlação intraclasse e os resultados indicados sob a forma de média e intervalo de confiança de percentagem intensidade muscular e comparados através de testes não paramétricos. A análise de dados foi feita com recurso ao software SPSS (IBM Statistics Version 24, Chicago, USA). **Resultados:** Foram detetadas intensidades musculares nas diferentes posições para o temporal direito para a posição sentada de 33,4[30,6;36,2], para posição de pé de 32,2[29,4;34,9] e deitada de 33,3[30,2;36,4]. Para o temporal esquerdo os valores para a posição sentada de 31,4[27,9;34,9], de pé de 31,3[27,8;34,7] e deitada de 31,5[27,4;35,6]. Para o masséter direito os valores da posição sentada foram de 15,0[13,2;16,9], na posição de pé de 15,3[13,6;16,7] e deitado de 13,6[11,9;15,3]. Para o masséter esquerdo os valores da posição sentada foram de 20,1[16,1;24,2], na posição de pé de 21,14[16,6;25,7] e na posição deitado de 21,5[16,6;26,42]. Não foram detetadas diferenças estatisticamente significativas para os grupos musculares nas diferentes posições, no entanto foi detetada uma associação negativa entre os grupos musculares temporais e masséteres com significância estatística. Foram detetados coeficientes de correlação intraclasse excelentes para os músculos avaliados nas diferentes posições à exceção do temporal direito na posição sentado (87,9% [70,3; 95,8]), masséter direito na posição sentado (75,1% [38,9; 91,3]), masséter direito na posição deitado (87% [68,2; 95,5]) e masséter esquerdo na posição sentado (86,7% [67,5; 95,4]), que se apresentaram com valores bons. **Conclusões:** Os resultados obtidos neste estudo sugerem que o aparelho testado apresenta elevada repetibilidade para a determinação da intensidade muscular em máxima intercuspidação e que não existiu influência da posição de aquisição.

<http://doi.org/10.24873/j.rpemd.2023.11.1165>

#106 Interferências na oclusão dinâmica: contribuição de dispositivos digitais



Cátia Paiva*, Inês Sansonetty Côrte-real, Francisco Maligno, João Carlos Pinho, Pedro Sousa Gomes

Faculdade de Medicina Dentária Universidade do Porto

Objetivos: A análise oclusal ainda constitui um paradoxo em medicina dentária, existindo na literatura controvérsia no que é expectável verificar na oclusão dinâmica. Dos vários movimentos mandibulares, os que se traduzem em contactos mediotrusivos ou em lado de não trabalho são os únicos que devem ser considerados como potenciais desestabilizadores no sistema estomatognático. Atualmente, os meios digitais de análise oclusal revelam uma maior efetividade na pesquisa destes contactos, por realizarem uma análise quantitativa e não apenas qualitativa quando comparado com os métodos convencionais. A comercialização recente de um destes dispositivos, o OccluSense®, torna relevante o desenvolvi-

mento de estudos comparativos com dispositivos já amplamente estudados, como o T-Scan Novus®. Com este propósito, o presente estudo pretende avaliar as potenciais vantagens destes dispositivos na avaliação de esquemas oclusais de lateralidade. **Materiais e métodos:** Para a realização deste estudo foi realizada uma análise descritiva e comparativa dos esquemas oclusais de lateralidade a 21 participantes, o que totalizou 126 vídeos de análise oclusal. A recolha de dados foi efetuada utilizando os dispositivos digitais T-Scan Novus® e o OccluSense®, através de uma tripla medição no movimento de lateralidade esquerda e direita de cada voluntário, realizado por dois operadores diferentes, nas mesmas condições. **Resultados:** Dos esquemas oclusais de lateralidade obtidos verificou-se que 13 dos 21 participantes possuíam interferências no lado de não trabalho. **Conclusões:** Em mais de 50% da amostra verificou-se a presença de interferências no lado de não trabalho. Os métodos digitais parecem revelar-se mais confiáveis na pesquisa de interferências no lado de não trabalho, não só pela visualização concreta da interferência, mas principalmente pela quantificação deste contato.

<http://doi.org/10.24873/j.rpemd.2023.11.1166>

#107 O comportamento da curva de Spee na tipologia esquelética da face



Ana Barros, Afonso Pinhão Ferreira, Carlos André Miranda Pires, Maria Cristina Pollmann, Maria João Ponces*

Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Objetivos: A relação da curva de Spee com a estabilidade dos resultados obtidos no tratamento ortodôntico assume-se como um assunto controverso. É uma evidência a funcionalidade oclusal reestruturar as curvas de compensação transversal e sagital após a oclusão obtida com o tratamento ortodôntico (Praeter et al., 2002). As circunstâncias que provocam essa adaptação funcional, considerada muitas vezes como uma recidiva, não são totalmente conhecidas (Hasan et al., 2021). Tais incertezas implicam estudar melhor o comportamento da curva de Spee e caracterizar o seu comportamento nos diferentes quadros esqueléticos faciais, designadamente nos Tipos Classe I, II e III. O objetivo da presente investigação é analisar a relação da curva de Spee com o tipo esquelético da face, numa amostra de casos sujeitos a tratamento ortodôntico. **Materiais e métodos:** Estudo retrospectivo onde foram avaliados noventa casos de pacientes tratados numa clínica privada de ortodontia. Constituíram-se três grupos para avaliação do comportamento da curva de Spee, sendo 30 casos de Classe I esquelética, 30 casos de Classe II esquelética e 30 casos de Classe III esquelética. As classes esqueléticas e a profundidade da curva de Spee foram avaliadas a partir das telerradiografias em incidência lateral iniciais e dos modelos de estudo, respetivamente, de cada caso selecionado. As classes esqueléticas foram definidas segundo a análise cefalométrica de Ricketts. Para avaliar a profundidade da curva de Spee foi aplicada uma metodologia